

O ENSINO DO RELEVO NA GEOGRAFIA ESCOLAR

RELIEF TEACHING IN SCHOOL GEOGRAPHY

Edson Oliveira de Jesus¹

Eliana Marta Barbosa de Moraes²

Resumo: Este trabalho foi elaborado a partir das considerações realizadas em nossa dissertação de Mestrado, cujo objetivo principal se assenta na análise de como os professores encaminham a aula expositiva para a construção de conhecimentos sobre o relevo na Geografia Escolar. Sob esse fundamento, buscamos avaliar em que medida o encaminhamento desse componente espacial contribui para a formação consciente e crítica dos estudantes. Essas análises surgem baseadas no entendimento de que os conhecimentos geográficos podem ser elementos relevantes para a constituição da autonomia dos estudantes. Para tanto realizamos uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. Seleccionamos duas escolas da rede estadual de ensino de Goiânia/GO, nas quais elegemos como sujeitos da pesquisa professores de Geografia dessas unidades educacionais, com o intuito de compreender sua concepção sobre a aula expositiva e como esses docentes mobilizam essa estratégia de ensino ao abordarem a temática relevo na Educação Básica.

Palavras-chave: Aula expositiva. Geografia Escolar. Relevo.

Abstract: *This work arises from the considerations carried out in our dissertation whose main objective was based on the analysis of how teachers send the expository Class in the construction of knowledge about the relief in School Geography. Under this foundation we seek to evaluate the extent to which the routing of this space component contributes to the students' conscious and critical formation. These analyzes are based on the understanding that the geographic knowledge can constitute of relevant elements for the constitution of the autonomy of the students. In order to do this, we carried out a qualitative research of the type of case study, we selected two schools of the state education network of Goiânia / GO, in which we chose two geography teachers from these educational units as research subjects. With the purpose of understanding their conception about the expository class and how these teachers mobilize this teaching strategy when they approach the thematic relief in Basic Education*

Keywords: *A dialogical expository class. School Geography. Relief.*

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Especialista em Docência Superior pela Universidade Gama Filho. Professor pela Rede Estadual de Educação no Colégio Estadual Jardim Balneário Meia Ponte. E-mail: edijesus@hotmail.com

² Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Geografia (NúcleoGEA). Coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Membro da Rede Latino-Americana de Investigadores em Didática da Geografia (REDLADGEO). Coordenadora do Núcleo do Programa de Pós-Graduação do IESA/UFG. E-mail: elianamarta.ufg@gmail.com

Introdução

Este trabalho é constituído a partir das reflexões obtidas em nossa pesquisa de Mestrado intitulada “A aula expositiva dialogada como procedimento metodológico para a abordagem da temática relevo na Geografia Escolar”, no ano de 2017, com o objetivo de analisar a importância da aula expositiva dialogada para a construção de conhecimentos sobre o relevo na Geografia Escolar. No que diz respeito aos objetivos específicos, nossa proposição se apoiou na avaliação da contribuição das atuais metodologias de ensino utilizadas pelos professores de Geografia da Rede Estadual de Ensino de Goiás para o ensino do conteúdo “relevo” na Educação Básica, além de compreender a concepção de aula expositiva dialogada utilizada pelos professores de Geografia e como eles mobilizam essa concepção para ensinar essa temática na rede de ensino estadual de Goiás e por fim propor a reflexão sobre as aulas expositivas dialogadas como possibilidade para qualificar o ensino do relevo na rede básica.

A pesquisa delimitou-se em responder alguns questionamentos referentes à maneira como tem sido encaminhada a aula expositiva na escola básica e se essa ação tem oportunizado a formação social dos alunos para o exercício da cidadania. Em decorrência das reflexões sobre como a temática relevo é abordada em sala de aula, outros questionamentos, provocaram inquietações, como por exemplo, entender se, na atualidade, o conhecimento prévio dos estudantes é considerado e se as estratégias utilizadas no ensino favorecem de fato a interação consciente entre o sujeito e a produção do espaço geográfico.

Diante do exposto, para entendimento, foi necessário refletir sobre como ocorre o trabalho docente com aulas expositivas dialogadas e oportunizar análises referentes as atuais estratégias de ensino mobilizadas no contexto educacional, sobretudo na disciplina de Geografia. Sabe-se que as aulas expositivas norteiam a prática docente (GRILLO, 1998), entretanto, embora a estratégia seja habitualmente utilizada no contexto escolar, poucas reflexões são realizadas.

É salutar inferir que as considerações aqui apresentadas estão pautadas nas percepções concebidas em nosso processo investigatório e que nos permitiu apreender a ciência geográfica como uma possibilidade para buscar a compreensão das relações existentes entre a natureza e o ser humano em sua organização espacial. Ao propor a compreensão do espaço geográfico, esse ramo do conhecimento propicia meios para entender a ordem espacial das coisas e, conseqüentemente, as mudanças ocorridas no tempo e no espaço, contribuindo

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

para a formação de uma consciência crítica da realidade. Assim, a disciplina de Geografia no contexto escolar permite ao estudante a descoberta do mundo via análise e investigação do seu próprio espaço.

Compreendemos que o ensino de Geografia deve seguir alguns critérios para que se constituam ações racionais e intencionais, dentre as quais destacamos o planejamento. Sua importância na ação deliberada do professor passa a se constituir como um exercício indispensável na prática docente a fim de articular a construção de conhecimentos significativos com a intenção de oportunizar a formação de pessoas críticas, conscientes e autônomas.

Baseados pelas considerações teóricas de Anastasiou e Alves (2006), de que comumente as aulas expositivas são consideradas ultrapassadas e ineficazes e pensadas por muitos professores como algo pronto e acabado, buscamos refletir sobre esse contexto, para entender em que medida o diálogo pode ser apresentado como instrumento de ruptura dessa situação. As autoras afirmam que a aula expositiva, quando mediada pelo diálogo, torna-se um momento de construção de saberes e ponto de partida para a apreensão de novas percepções.

Reconhecemos o processo de aprendizagem como uma ação proposital que deve buscar a articulação e construção de saberes entre professores e estudantes. Nesse contexto é salutar buscar a relevância que o papel docente assume no processo ensino-aprendizagem quando se objetiva formar sujeitos proativos no espaço onde vivem.

A fim de contribuir com essa ação, faz-se necessário compreender como as metodologias críticas podem favorecer a construção de conhecimentos significativos aos estudantes. Nos apoiamos nas compreensões vygotskianas que indicam o caminho para a construção do conhecimento por meio da interação que se constrói do social para o individual. Nessa perspectiva, o diálogo estabelecido nas aulas expositivas aparece como premissa fundamental no processo de aprendizagem.

Para fomentar as discussões sobre as aulas expositivas como uma das importantes estratégias de ensino para a construção de conhecimentos significativos aos estudantes, nos apoiamos em Cavalcanti (1998) que, ao discutir a significância de conteúdo, ratifica a necessidade de construir conhecimentos a partir do que é conhecido pelo estudante. Sobre a questão do relevo, Moraes (2011) e Roque (2009) evidenciam as dificuldades em se trabalhar em sala de aula as temáticas físico-naturais e a potencialidade que esses elementos possuem no processo de ensino e aprendizagem. Nessa concepção, o diálogo pode se apresentar como

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

proposta de superação ao entrave apresentado, por possibilitar a “re-construção” de saberes. Esse entendimento é essencial para propor algumas considerações sobre a ação docente, e é nesse sentido que evidenciamos o processo evolutivo da aula em nosso país.

A Evolução da Aula Expositiva no Contexto Escolar Brasileiro

Com o intuito de compreender a evolução das estratégias de ensino no Brasil, realizamos uma periodização histórica referente às aulas expositivas, embora essa seja uma ação controversa, devido à diversidade de concepções de aulas expositivas e dos enfoques adotados em seus estudos. Nossa periodização focou em retratar a trajetória percorrida pelo sistema de ensino desde os princípios da ação pedagógica até a implantação da escola pública no Brasil.

Iniciamos nossa trajetória pelos anos de 1549 a 1759 que correspondem ao período jesuítico no qual a escolarização era caracterizada por um processo de repetição. Nessas condições as aulas eram desenvolvidas com foco na memorização, na hierarquia e na obediência. Os estudantes eram compreendidos como receptores de informações que se desenvolviam segundo os princípios do catolicismo, e a função do professor se restringia ao repasse de conteúdo. Tratava-se, de um processo de educação baseado no *Ration Studiorium*, compreendido como um rígido e severo método de ensino estruturado na tríade estudo, repetição e disputa.

Saviani (2008, p. 86) concebe a educação nesses moldes como um processo “breve, claro e fácil, para não atormentar os estudantes, com uma multidão de preceitos que, ainda em maiores idades causam confusão”. Essa proposição reforça o caráter de submissão do indivíduo, caracterizando o desenvolvimento de um sistema tradicional de ensino.

De 1759 a 1827, desenvolve-se no país uma prática educacional regida pela religião, pela pedagogia tradicional, representada pelo ecletismo, liberalismo, positivismo, e pela pedagogia pombalina. Sob essas condições, Niskier (2001) descreve o sistema educacional como uma prática desenvolvida sob a égide religiosa:

A organicidade da educação jesuítica foi consagrada quando Pombal os expulsou levando o ensino brasileiro ao caos, através de suas famosas “aulas régias”, a despeito da existência de escolas fundadas por outras ordens religiosas, como os Beneditinos, os Franciscanos e os Carmelitas. (NISKIER, 2001, p. 34).

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

As aulas, aplicadas na residência do próprio estudante, assumiam uma forma autônoma e isolada. De caráter catequizador, o ensino consistia no desenvolvimento de um momento no qual a leitura, a escrita e a contagem eram exercitadas por meio de manuais práticos e sistematizados. Nesse contexto, o professor era visto como único detentor do conhecimento e os alunos recebiam o aprendizado como algo pronto e acabado.

De 1827 a 1890, a educação passa por novas estruturas e se institui no país um sistema de ensino que se objetiva à formação superior. Mesmo que de modo incipiente, esse modelo de educação visava também o ensino técnico de modo a atender os filhos da elite brasileira.

As aulas eram ministradas a partir de leituras em voz alta, salteamento silábico e soletramento. Esses aspectos reafirmam as características presentes no ensino em períodos anteriores nos quais eram reforçados o ensino classista, o qual coexistia em função da distinção e reforço das diferenças entre os indivíduos de distintas classes sociais.

As considerações de Saviani (2008), ao tratar a evolução das orientações para o trabalho pedagógico, apresentam uma lacuna entre 1890 e 1969. Essa fase marca, no contexto educacional brasileiro, acirradas discussões que serviram para a formulação de um projeto nacional de ensino baseado no sistema europeu, e expressa as ideias traduzidas nas correntes fundamentadas pelo ecletismo, liberalismo e positivismo. Esse movimento foi a base para a instauração de um novo período.

De 1969 a 2001, se evidencia no país a concepção pedagógica produtivista, a qual reflete o cenário de mudanças instaurado no Brasil pelos movimentos nacionalistas que fortaleceram as ações governamentais em função do sistema capitalista. Os princípios tecnicistas sustentam métodos de ensinamentos que primam pela racionalidade, eficiência e produtividade. Nessas condições, as aulas eram realizadas com foco único na preparação dos estudantes para assumir postos de trabalho no mercado.

Entretanto, esse modelo foi superado posteriormente pelo surgimento de uma nova proposta de educação embasada no viés crítico-reprodutivista. Este, induzido pelas demandas do capitalismo, servia de sustentação a outra proposta com base no princípio de uma educação para todos, e norteadada pela ideia de um ensino alicerçado em padrões de qualidade.

A nação, dessa maneira, passa a ser orientada pela mediação para a prática social, na qual o indivíduo, através do sistema educacional, necessita se condicionar à prestação de serviços, em função do processo produtivo. Sob essa orientação, o fazer pedagógico passou a

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

ser concebido a partir do aluno. Nessas condições, as aulas começaram a ser compreendidas como momento de construção de saberes, em que professores e alunos são considerados sujeitos desse processo.

Os anos 2000 trouxeram uma nova proposta para o ensino desenvolvido no Brasil, o qual baseado no discurso humanista assume a função de “[...] produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 1991, p.17). É nesse sentido que as orientações para o ensino evidenciam um modelo que, muitas vezes, atrofia e limita o desenvolvimento dos sujeitos que compõem a práxis educativa.

Esse exercício de análise histórico-social, em consonância com as ideias de Saviani (1991), nos possibilita compreender o século atual a partir de um contexto de crise estrutural em que surgem novas formas de organização social, política e econômica. Nessa conjuntura, o conhecimento passa a ser compreendido como representação do poder nas sociedades contemporâneas, pois à medida que o indivíduo adquire conhecimentos ampliam-se percepções, e uma nova atuação é exigida dos profissionais em educação.

A Abordagem do Relevo na Educação Básica

Nas investigações, realizadas ao longo da pesquisa, pudemos compreender o modo como é orientada a abordagem do relevo. Esse exercício é importante em nossa percepção para analisarmos como são as orientações da REE para o ensino básico no estudo da Geografia. O currículo adotado pela REE de Goiás disponibilizado na plataforma virtual da SEDUCE, determina que a abordagem do relevo deve ocorrer no primeiro e no terceiro bimestres do 4º ano do Ensino Fundamental da EB, devendo ser trabalhado em conjunto com o clima (contexto climático) do município, escala de análise adotada para todo o ensino desse ano letivo.

As orientações para o trabalho com o relevo no Ensino Fundamental, observadas em nossas pesquisas, se basearam nas perspectivas vygotskyanas. Compreendemos que o desenvolvimento cognitivo do aluno ocorre pela sua interação com os outros sujeitos e com o meio no qual ele está inserido, em uma troca ativa de experiências, as quais geram novos conhecimentos. Nessa esteira de pensamento, Devicari, Sabedra e Werlang (2004) e Simielli (2013) apontam que a adoção de estratégias para o trabalho com crianças na faixa etária de sete a onze anos pode ter maior eficácia desde que mobilizadas por operações concretas.

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

Desse modo, uma das estratégias seria o uso de maquetes. Elas se mostraram com maior potencial para se construir conceitos a partir da vivência dos estudantes.

No 6º ano do Ensino Fundamental, o relevo se apresenta como conteúdo a ser tratado em conjunto com o solo, no 3º bimestre. No 7º ano, a abordagem dessa temática deve ocorrer no terceiro bimestre, quando se orienta que o seu tratamento seja acompanhado do conteúdo “solos do Brasil”.

Em conformidade com Souza (2003), Castellar e Maestro (2002) e Roque (2009), existe uma série de estratégias que podem nortear o ensino da temática relevo no Ensino Fundamental II. As autoras têm como justificativa a aproximação desse conteúdo trabalhado com a realidade dos alunos. A esse respeito, o conteúdo apresentado em grande parte dos LD se refere a litosfera, seguido da descrição das macroformas do relevo: planalto, planície e depressão. Assim, o que orienta o trabalho pedagógico desenvolvido tendo como referência apenas com o LD pode resultar em um trabalho superficial e de forma reduzida. O currículo orienta que o trabalho com essa temática deve ser articulado com outros elementos presentes no cotidiano do aluno, como o solo e o clima. Isto posto, abrem-se possibilidades para mobilização de estratégias, como por exemplo, o diálogo, que podem ser somadas à utilização do LD e que podem resultar em um trabalho que oportuniza ao aluno se reconhecer diante do seu contexto social. Evidencia-se assim um ensino significativo.

Ao reconhecer a Geografia como área do conhecimento através dos PCN's, fica evidenciado como o trabalho na escola pode ser conduzido à compreensão das sociedades e das múltiplas relações nelas estabelecidas. Para atingir os objetivos propostos pelos PCN's, o currículo da REE do estado de Goiás, denominado Currículo Referência, está estruturado em três partes. Na primeira são apresentadas as expectativas de aprendizagens nas quais estão indicados os resultados que se espera alcançar após o trabalho com um determinado conteúdo. Na segunda parte, se apresentam os eixos temáticos compreendidos como os temas que guiam o planejamento para o trabalho docente. Na última parte são propostas as metodologias e os tipos de avaliações que nortearam o trabalho nas unidades da EB.

De forma geral, os PCN's em consonância com o currículo instituído pela REE propõem para o trabalho na Geografia Escolar temas relacionados com a natureza, sociedade e espaço. Essas proposições apontam para o desenvolvimento de um processo de ensino que se ocupe em conduzir o aluno às diversas percepções presentes nas relações sociais. Desse modo são encaminhados para a sala de aula diferentes saberes geográficos, buscando

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

favorecer a interação e o confronto de diferentes ideias com a intenção de se formar um saber criativo, crítico e questionador.

A esse respeito, Cavalcanti (2002) delega à Ciência Geográfica a função salutar de construir conhecimentos para que os estudantes desempenhem funções relevantes e conscientes na sociedade. Sob essa ótica, o professor de Geografia deve atuar como mediador do processo de ensino e aprendizagem, buscando mobilizar os conteúdos a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, proporcionando aprendizagens consistentes e ampliadas e evitando, dessa maneira, proporcionar o ensino restrito e limitado, com base no senso comum.

Segundo essa concepção, o estudo da temática “relevo” pode gerar compreensões estruturadas e ampliadas, se trabalhadas com o sentido de desenvolver o conhecimento para além do conteúdo. Marques (1994, p. 25) reconhece “o relevo como o local sobre o qual se estabelecem as relações humanas e derivam desse lugar os valores econômicos, políticos, sociais e culturais”. Evidenciam-se, portanto, possibilidades para o tratamento de conteúdos, considerando as relações estabelecidas com o local de vivência dos estudantes, desde que não se limite a isso.

Os estudos sobre o desenvolvimento das ciências geográficas apontam para a necessidade de mudanças de direção no ensino, em especial na EB. Entretanto, esses estudos evidenciam por um lado a permanência das técnicas tradicionais no âmbito escolar, com estratégias que se preocupam apenas com o repasse de conhecimentos, e por outro, propõe formas alternativas de fazer Geografia, sejam elas baseadas na criticidade e ou na dialética. Contudo, o que se objetiva é que se promovam múltiplas possibilidades de percepções da atuação humana frente à natureza.

No caso das proposições institucionais apresentadas para o trabalho nos anos iniciais, não basta entender o relevo terrestre e marinho como elementos dissociados de suas interações. Essa ruptura ao ensinar, provavelmente, levará à construção de um conceito fragilizado. É necessário, nessa situação, que o docente mobilize todos os conhecimentos que possui para realizá-lo, buscando a articulação dos aspectos da morfogênese e morfodinâmica situados em escalas temporais e espaciais.

Segundo Lima (2015), uma das orientações para a superação do problema em trabalhar com escala temporal está na tentativa de procurar dar sentido aos objetos de estudo da Geologia, uma vez que, trabalhá-la de forma a evidenciar não somente os fenômenos internos mas também os fenômenos externos, pode também ajudar a mudar a realidade. Para

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

reforçar o pensamento de Lima (2015), Gomes (2013) discute a possibilidade de explorar o local:

[...] Pelo olhar, a estética das paisagens nos oferece outra importantíssima possibilidade: o distanciamento. Os temas, às vezes bastante ordinários, tratados na paisagem, os lugares que conhecemos, pelos quais passamos, tudo isso ganha uma dimensão nova quando os vemos sobre um suporte imagético. (GOMES, 2013 p. 115).

De acordo com Gomes (2013), o foco no lugar pode despertar novas possibilidades para a exploração daquilo que se mostra, revelando potencialidades do local. Temáticas habitualmente tratadas podem resgatar as pessoas, oportunizando novas relações em seus locais de vivência. Esse exercício deve ser a tentativa de construção de uma visão crítica, com a finalidade de propiciar uma reflexão objetivando o estabelecimento de uma relação que mobilize o local para o entendimento do global.

A partir desse trabalho, o professor pode estabelecer relações que fomentem a compreensão desse processo como uma ação integrada da natureza, e que se comporta de modo diferente dependendo do ambiente e dos elementos envolvidos.

As orientações apresentadas pelos PCN's deixam evidente a intenção de trabalhar os conteúdos de forma articulada a outras temáticas, porém, quando confrontamos essas orientações com as da SEDUCE, constatamos perspectivas contraditórias. Moraes (2011) revela sua preocupação ao refletir sobre como o trabalho docente é realizado pelos professores das escolas da Rede Municipal e Estadual de Educação, ao mobilizarem as temáticas físico-naturais referentes ao relevo, às rochas e aos solos. Essa e outras preocupações têm definido nossa intenção em investigar como esse trabalho é realizado através da aula expositiva dialogada, estratégia de ensino mais comum utilizada nos âmbitos educacionais de ensino superior, conforme é apresentado por Gil (2009). Nossa percepção nos leva a crer que essa realidade não diverge muito da situação encontrada nas instituições de ensino da EB, no estado de Goiás.

Em Campo: aula expositiva e realidade escolar

A partir da escolha de duas escolas da rede estadual de ensino de Goiânia, aqui denominadas UE 01 e UE 02, realizamos as análises empíricas no trimestre julho, agosto e setembro de 2016, baseados em observações de aulas e aplicação de questionários aos professores colaboradores da pesquisa. Na primeira etapa da investigação, utilizamos a

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

observação das escolas e das aulas de Geografia, como ferramentas para averiguar como era desenvolvida a estratégia de aula sobre a temática relevo. O nosso objetivo era o de identificar como e qual a intenção dos professores em abordar essa temática na EB e como eles realizavam as suas ações com os alunos em sala de aula.

Em relação à estrutura geral do prédio, as instalações da UE 01 encontram-se em regular estado de conservação. O prédio dessa unidade dispõe de acomodações físicas para os serviços essenciais da escola, administrativos, pedagógicos, um laboratório de informática, uma biblioteca, 14 salas de aula, sendo onze de placas e três salas de alvenaria. Há quatro banheiros, dois para o uso dos alunos (masculino e feminino) e dois para o uso dos professores (masculino e feminino). Há também uma sala para a secretaria, uma coordenação, uma cozinha e uma quadra de esportes aberta, a qual está em péssimas condições de uso. Essa unidade conta com um considerável conjunto de recursos didáticos, como TV, vídeo, DVD, enciclopédia e livros de pesquisa. Dispõe também de retroprojetor, projetor, tela de projeção, episcópio, televisores, caixa e mesa de som e data show.

A proposta apresentada no PPP dessa escola tem como pressuposto básico ações que contribuam para a formação dos alunos, visando o desenvolvimento de habilidades no desempenho dos papéis sociais. Nessa lógica, as orientações contidas nesse documento apontam a adequação das práticas educacionais, respeitando as aptidões individuais e visando atender às necessidades da sociedade. Tal integração se faz por meio de experiências que satisfaz os interesses dos alunos e as exigências da sociedade, transformando a ação docente num processo ativo de construção e reconstrução de objetos, e que proporcione uma interação entre estrutura cognitiva do indivíduo, estrutura do objeto e estrutura do ambiente.

Daí ser necessário compreender como essas orientações se articulam e se processam dentro do sistema educacional visto que “[a] prática educacional é muito complexa, pois o contexto de sala de aula traz questões de ordem afetiva, emocional, física e de relação pessoal” (BRASIL, 1997, p. 93).

Quanto à UE 02, as instalações encontram-se em estado regular de conservação. A edificação dispõe de dependências físicas para os serviços essenciais, administrativos e pedagógicos: uma sala de laboratório de informática, uma biblioteca, dez salas de aula, uma sala para a secretaria, uma sala para alunos portadores de necessidades especiais, um banheiro para uso dos professores, dois banheiros (masculino e feminino) para os alunos, um banheiro acessível, uma sala dos professores, uma coordenação, uma cozinha, espaço para recreação, uma quadra de esportes coberta, em regular estado de conservação. Essa unidade possui ainda

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

TV, Vídeo, DVD, enciclopédia e livros de pesquisa, retroprojetor, projetor, caixas e mesa de som. Essa situação é uma evidência palpável de que os alunos possuem as instalações adequadas para um desenvolvimento físico e mental.

O princípio que norteia as ações da UE 02 objetiva o trabalho com o aluno de forma integral, a fim de formar um cidadão consciente, participativo, capaz de dizer não ao consumismo, à prostituição, às drogas, à exploração, como também capaz de buscar o equilíbrio de suas emoções. A filosofia da escola é a de que o educando tem a possibilidade de refletir sobre o processo de construção do conhecimento e de interferir no processo de ensino-aprendizagem. A escola acredita que todo ser humano aprende, e que a aprendizagem ocorre na interação com o outro e no respeito às diferenças individuais e coletivas.

A metodologia proposta por essa unidade escolar assenta-se na preparação do educando para os desafios da vida, formando-os não só para atuar no mercado de trabalho, mas também para proporcionar-lhes condições de se tornarem agentes da construção do conhecimento e da cidadania.

Dessa forma, nesta Unidade Escolar, a metodologia sugerida no processo de ensino e aprendizagem é desenvolvida através de práticas pedagógicas diversificadas, tais como: gincana, debates, júri simulados, teatro, produção de texto, cine-fórum (vídeo), pesquisas bibliográficas intra e extra-escolar, seminários, simulados, pesquisas interativas no laboratório de informática, trabalhos em grupo, aulas de campo, exposições, palestras. As práticas escolares partem do princípio de que as relações estabelecidas entre seus agentes os inserem em um contexto mais amplo, ou seja em

[...] um imenso conjunto de outras práticas educativas existentes na sociedade sob variadas modalidades na família, no trabalho, na fábrica, nos meios de comunicação, na política e também na escola. Assim a família como agente educador deve ensinar os costumes, valores, regras, princípios aos estudantes e por esse motivo tal agente em conjunto com a comunidade escolar são convidados a participar de todo processo de ensino dos aprendizes, uma vez que os mesmos estão sendo preparados para o convívio em sociedade. (LIBÂNEO, 2008, p. 4).

Na busca pela compreensão do complexo contexto educacional da REE na atualidade, procuramos entender os mecanismos e as regras nele inseridas, para a partir daí entender os docentes e as suas práticas condutoras do saber ao trabalhar com o relevo na EB. Deve-se considerar que os professores precisam ter claro princípios básicos, como equidade e cidadania, para que o exercício de suas ações se apresente salutar para o desenvolvimento de um processo de ensino capaz de possibilitar aos estudantes a interiorização ou apropriação de

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

saberes. Os profissionais da educação necessitam, igualmente, considerar o desenvolvimento mental dos estudantes, para que essa seja a base para a construção de conhecimentos.

Tendo em conta o exposto, iniciamos na UE 01 as observações da prática docente no ambiente da sala de aula. Para ajudar na contextualização, o professor que atua nesta UE tem 41 anos de idade, é do sexo masculino e formado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Ministra aulas há 17 anos.

Junto a uma turma de alunos do 7º ano do ensino fundamental, no turno vespertino, foram observadas quatro aulas, nas quais o professor mobilizou o LD apenas uma vez. Essa turma era composta de vinte e cinco estudantes em média. A observação da primeira intervenção na UE 01 ocorreu com a apresentação, pelo professor P1, de um vídeo do telecurso 2000³. O filme apresentado trata, primeiramente, o relevo por seus aspectos visíveis, em seguida evidencia o tratamento dessa temática pelos aspectos endógenos da Terra. O primeiro conceito tratado refere-se às camadas da Terra. Posteriormente, se evidencia o processo de tectônica de placas, para explicar a deriva continental. Sequencialmente o vídeo aborda a formação dos diversos tipos de rochas (sedimentares, metamórficas e magmáticas).

O surgimento do relevo é apresentado como um processo de construção e reconstrução da crosta terrestre através do vulcanismo, que origina montanhas, planaltos e planícies. O relevo, assim, seria constituído pelo modelamento das formações rochosas originadas pelo vulcanismo, onde a água é apresentada como principal agente modelador do relevo (conforme apresentado no vídeo). Como último elemento de transformação do relevo no vídeo é apresentada a ação humana. A mobilização dessa estratégia em sala de aula ocorreu com a exibição do vídeo seguida de uma breve explicação do conteúdo. Nessa ocasião o professor utilizou o LD. Observamos que nessa intervenção o P1 apenas buscava reforçar conceitos que explicassem a formação do relevo. Essa atividade ocorreu de forma pragmática sem qualquer preocupação sobre a compreensão que os alunos possuíam acerca da temática.

Na segunda intervenção, ocorrida após a apresentação do vídeo, o professor realizou uma breve explanação, com o auxílio do livro didático, evidenciando os aspectos contemplados no filme, que apresentavam e tratavam o relevo a partir dos elementos endógenos. Desse modo, baseados em Souza (2003), Castellar e Maestro (2002) e Roque (2009), a respeito de uma série de estratégias para nortear o ensino da temática relevo no

³O vídeo apresentado pelo professor encontra-se disponível no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=NKLLi3FRyp8>, acessado em 17/10/2016.

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

ensino fundamental II, e de que diálogo pode ser um aliado, nossa conclusão é de que a dialogicidade foi pouco explorada na intervenção, o que se observa nas ações desenvolvidas pelo professor P1 durante a sua exposição. É que, na ação pedagógica executada por ele, houve a permanência de práticas tradicionais de ensino, embora sob novas roupagens. O professor, mesmo utilizando o vídeo em suas aulas, desenvolve um processo de ensino que ocorre por meio da transmissão de conteúdos.

Na terceira intervenção, o professor solicitou aos alunos que se organizassem em grupos e produzissem um texto de acordo com as duas últimas aulas realizadas, com o intuito de averiguar se os conceitos transmitidos foram internalizados pelos estudantes. Embora saibamos que seja relevante compreender o relevo assentado nesses aspectos, é salutar compreendê-lo para além desses entendimentos. O trabalho realizado pelo P1 não oportunizou que os estudantes realizassem novos olhares e percebessem outras relações presentes nesse contexto. Os discentes não foram estimulados a construir novos conhecimentos, a exemplo do uso e ocupação do espaço, no qual poderia ser enfatizada a atuação do ser humano frente os elementos físico-naturais.

Na quarta aula, o professor solicitou aos alunos novamente se reunissem nos mesmos grupos da aula anterior e produzissem um desenho, no qual retratassem quais conceitos foram compreendidos por eles. Os alunos compreenderam o relevo por seus aspectos visíveis, já que eles foram capazes de reproduzir o que lhes foi ensinado. O relevo é compreendido nessas condições pelas suas formas, representadas nos desenhos pelas montanhas, planícies e depressões. Diante desse contexto, nos pautamos em Anastasiou e Alves (2006), acerca de suas considerações sobre a mobilização dos instrumentos de ensino em sala de aula, no qual compreendemos que em quaisquer circunstâncias os mesmos devem ser mobilizados de forma intencional.

Em nossas observações evidenciamos que, apesar da utilização de instrumentos modernos e da utilização do LD, as aulas foram realizadas por meio de métodos tradicionais de ensino. Durante as aulas, que deveriam se constituir momentos de construção de conhecimentos, os estudantes possuíam pouco espaço para expor o seu entendimento sobre a temática tratada. Esse momento deveria ser potencializado pela mobilização do diálogo conforme indicam Anastasiou e Alves (2006), a partir da apresentação de situações problemas evidenciados em seu cotidiano.

Concordamos com Anastasiou e Alves (2006), quando consideram necessária a mobilização da interpretação inicial que o estudante possui como elemento motivador para a

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

busca de novos conhecimentos. Em nossa análise, a explicação para o tipo de trabalho executado pelo docente observado, encontra-se na dificuldade que este possui em tratar a temática par a além das questões apresentadas nas aulas ministradas aos alunos. Isso coaduna com o que Moraes (2011) e Roque (2009) evidenciam sobre as dificuldades em se trabalhar, na sala de aula, as temáticas físico-naturais e a potencialidade que esses elementos possuem.

Essa constatação ocorreu quando em nenhum momento o professor realizou um processo de sondagem de aprendizagem, conforme Cavalcanti (1998) ratifica sobre a necessidade de se construir o conhecimento a partir do que é conhecido pelo aluno. O docente dirigiu perguntas aos discentes referentes ao tectonismo de placas e esses, por sua vez, não conseguiram respondê-las. Buscando compreender o motivo pelo qual o professor elegeu essa estratégia de ensino como a mais pertinente para o tratamento da temática em questão constatamos que ele fez sua escolha procurando cumprir as normas exigidas pela UE, que estabelece um prazo para o alcance dos objetivos propostos no planejamento escolar. Diante dessa condição, o professor optou por essa estratégia de ensino como meio para conseguir tratar de forma rápida e eficaz a temática em questão.

Sobre a possibilidade de utilizar outros instrumentos para a mobilização do conteúdo, como por exemplo o uso de maquetes, croquis, manchetes de jornais, o professor salientou que, além das limitações físicas da UE, há também a limitação institucional que dificulta o trabalho com essa temática. Outra justificativa apresentada pelo docente foi a de que a mobilização de outras estratégias influenciaria de modo negativo o funcionamento da escola.

Outro fator evidenciado pelo docente se sustenta na falta de tempo para mobilizar essas estratégias, em função de sua carga horária. Nossa pretensão, ao realizar esses questionamentos, não foi a de tentar influenciar a ação do docente por meio da sugestão de quaisquer estratégias de ensino, mas sim provocar reflexões sobre a mobilização da dialética, estratégia mais usual na prática docente e que não depende de instrumentos educacionais, físicos e institucionais para ser processada.

Nossa interpretação considera a dialética um elemento de destaque na educação, e deve ser orientada a partir da busca da humanização do ser humano. Segundo Savoia (1989, p. 54), essa ação ocorre por meio “de um processo de socialização, no qual intervêm fatores inatos e adquiridos”. Considera-se, a partir dessa definição, que os fatores inatos podem ser representados pelas características do sujeito herdadas geneticamente, sendo os fatores adquiridos aqueles conquistados por meio da interação do indivíduo em sua vivência na

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

sociedade. O desenvolvimento dessas competências deve proporcionar ao sujeito a capacidade de aprimorar e acumular valores, base, por sua vez, para a construção de conhecimentos.

No contexto educacional, essa construção deve ser alicerçada conforme as proposições de Frigotto (1998), que considera a base material, ideológica e simbólica do sujeito como fundamentos para a ação pedagógica. Em nosso entendimento, ao analisar as considerações dos referidos autores, evidencia-se o caráter massificador presente na práxis educativa, resultado das práticas das classes dominantes sobre os grupos sociais menos favorecidos. A importância de realizar essas considerações está em acreditar que o contexto social pode ser a base para a realização de práticas educacionais que superem e rompam com essas percepções, e que se sustentem, por sua vez, na dialogicidade como método de oportunizar possibilidades para que reflexões críticas ocorram.

O professor da UE 02, aqui denominado P2, tem 61 anos, é do sexo masculino, formado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Atua há 30 anos como professor de Geografia na EB. A proposta de ensino contida no PPP dessa escola, bem como o seu espaço físico, colabora para que se desenvolvam atividades pedagógicas que oportunizem aos alunos aprimorar seu senso crítico através da mobilização de suas habilidades intelectuais e de sua vivência.

O professor da UE em estudo apresentou o conteúdo “relevo” em três intervenções, junto ao grupo composto por uma média de 27 alunos, do 7º ano do turno vespertino. Na primeira intervenção, a proposição da atividade docente tinha como foco averiguar quais conhecimentos prévios os estudantes possuíam em relação à temática a ser abordada. Após a sondagem, iniciou a aula tratando a temática como um processo desvinculado do contexto vivenciado e apresentado pelos estudantes.

A segunda aula ocorreu com o objetivo de apresentar aos alunos o conteúdo relevo. Como as contribuições dos alunos tinham sido repassadas na aula anterior, o trabalho do professor ocorreu com a exposição de alguns conceitos (relevo, sua constituição e formas). Os conceitos abordados nessa intervenção ocorriam a partir do entendimento que os discentes possuíam do tema em questão auxiliados pela mobilização do LD.

Percebemos que os estudantes compreendiam a origem do relevo a partir de agentes externos, mas esse conhecimento não era estimulado a ser ampliado através do diálogo (ou por qualquer outro meio) pelo P2. Na terceira intervenção, o trabalho com o relevo ocorreu com uma revisão do conteúdo tratado com os alunos por meio de perguntas que o professor realizava.

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

Posteriormente, foi aplicado aos estudantes um exercício, com a intenção de fixar os conhecimentos tratados nas duas últimas aulas. Após a aplicação dessa atividade o professor deu por encerrado o tratamento da temática relevo, sem oportunizar que as questões apresentadas no questionamento servissem como mecanismo para a construção de conhecimentos. Essa postura vai em sentido contrário ao que acreditamos como ideal no processo de ensino e aprendizagem. Cavalcanti (2002, p.20) corrobora conosco quando interpreta a atuação docente como processo de “mediação que interfere nos processos intelectuais, afetivos e sociais do aluno”.

As aulas observadas do P2 permitiram concluir que embora esse profissional afirme que não possui dificuldade em encaminhar o conteúdo, a prática em sala o apresentava com dificuldade ao tratar a temática relevo, pois as informações eram repassadas aos alunos rapidamente, através de definição verbal dos conceitos, apresentados como algo pronto e acabado. Quando havia algum questionamento por parte dos estudantes, a resposta era de forma incisiva, o que não permitia aos discentes realizarem reflexões sobre os conhecimentos tratados e estabelecerem troca de conhecimento através do diálogo.

A fim de constatar se os alunos haviam compreendido o tema estudado, percebemos que pouquíssimos tinham entendido o que havia sido tratado nas aulas anteriores, e um número menor ainda possuía o domínio do assunto. Esse tipo de intervenção, a nosso ver, não contribui para que se mobilizem as orientações pedagógicas contidas no PPP da UE 02, nem possibilita que as condições físicas da UE sejam exploradas na ação docente, visando oportunizar ao estudante re-elaborar suas percepções, como afirmam Lima (2015) e Gomes (2013) sobre a possibilidade de explorar o local e despertar novas possibilidades.

As expectativas apresentadas anteriormente no PPP da UE 2 apontam para ações docentes que possibilitem aos estudantes desenvolverem-se intelectualmente de forma plena para atuarem ativamente na sociedade onde vivem. Todavia, na prática pudemos constatar que isso não se efetiva. O LD era o único material de apoio utilizado para a execução do trabalho com os alunos nessa unidade, por coincidência, nas duas escolas, embora os educandos estivessem cursando o 7º ano do ensino fundamental, os livros adotados pelos professores para o trabalho com o relevo eram do 6º ano, pois o referido conteúdo era contemplado apenas nessa série.

A utilização do LD como o principal recurso utilizado na EB para o ensino tem rendido inúmeras críticas nos ambientes escolares. Sobre essa questão, Callai (1998) tece algumas considerações no que se refere à maneira como o LD é mobilizado pela maioria dos

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

docentes. A autora considera que os assuntos tratados nesses instrumentos não fazem referência ao cotidiano dos estudantes, e, dessa forma, não conseguem despertar nos educandos interesses pelos assuntos abordados.

A esse respeito não podemos deixar de mencionar a adoção do LD como a estratégia de ensino mais utilizada na EB. Os livros didáticos utilizados, em sua grande maioria, reforçam o caráter tradicional, presente na práxis educativa, sendo ideal transformar essa atividade em função dos objetivos que se deseja alcançar. Nesse sentido, os materiais utilizados na construção do conhecimento aparecem como suportes, e não como condições necessárias para que o ensino se efetive.

A proposta de trabalho apresentada no LD assenta-se em unidades sugeridas para que o trabalho docente ocorra. Essa organização permite que em alguns conceitos da Geografia sejam abordados dentro dessas unidades por meio de temas que oportunizem aos discentes conhecer alguns lugares no território brasileiro que possuem algumas similaridades com o seu local de vivência.

Ao admitir a consideração aqui proposta, o processo ensino e aprendizagem poderá ir além da função de cumprir com programas institucionais sugeridos aos docentes. O modo como se apresenta o conteúdo ao estudante fará diferença. É preciso permitir que o sujeito estabeleça relações com o objeto de estudo e se situe no espaço. Só assim, o conteúdo trabalhado terá relevância e promoverá o desenvolvimento de habilidades que conduzirão os sujeitos da aprendizagem a agirem de forma crítica, cidadã e participativa.

Considerações Finais

É incontestável que a aula expositiva sempre esteve presente no contexto educacional e, independente da estratégia de ensino adotada nas salas de aulas, é necessário repensá-las em especial ao se trabalhar com as temáticas físico-naturais, porque o trabalho realizado nesses moldes, de forma pragmática, não oportuniza a construção de conhecimentos. O relevo, se mobilizado na Educação Básica por meio de sua origem e modelamento, possibilita apenas um conhecimento parcial sistematizado e efetivado pela reprodução de conceitos acabados e estruturados.

Desse modo nossa sugestão está na abordagem da temática relevo articulada às relações existentes entre os ambientes físicos e humanos. Assim as metodologias mobilizadas no ensino devem oferecer subsídios que considerem o cotidiano dos estudantes e os auxiliem,

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

a partir daí, a desenvolver-se criticamente, capacitando-os a realizar múltiplas leituras do mundo que os cerca.

Nossa pretensão, ao realizar esses apontamentos, não incorre na tentativa de tentar influenciar a ação docente por meio da sugestão de quaisquer estratégias de ensino, mas sim provocar reflexões sobre a mobilização da dialética, como uma estratégia habitual à prática docente, que pode contribuir para a promoção de uma aprendizagem significativa e útil aos discentes desde que conduzidas de forma planejada e intencional, objetivando desenvolvimento pleno da intelectualidade dos estudantes.

As estratégias de ensino mobilizadas para tratar a temática relevo durante nossas observações revelam a utilização de recursos comuns aos ambientes de ensino: vídeos e livro didático, os quais poderiam ser mais promissores se encaminhados com foco na construção de conhecimentos por meio da exposição dialogada.

Quando o professor mobiliza instrumentos de auxílio à aprendizagem, independente do recurso empregado, é recomendado que o faça com base no experienciado pelo estudante. Por exemplo, através do relato sobre os filmes assistidos pelos alunos que versam e retratam o processo (essa situação é habitual no cotidiano dos estudantes). Nesse contexto expressa-se a relevância que a Geografia possui para subsidiar a compreensão da realidade dos estudantes e desse modo oportunizar a eles que se percebam como participantes no processo de construção desse conhecimento.

Nossa interpretação considera a dialética um elemento de destaque na educação, constituído de capacidade para modificar o contexto educacional, quando orientada a partir da busca da humanização do homem. Segundo Savoia (1989, p. 54), essa ação ocorre por meio “de um processo de socialização, no qual intervêm fatores inatos e adquiridos”. Considera-se, a partir dessa definição, que os fatores inatos podem ser representados pelas características e conhecimentos herdados dos sujeitos e que podem ser mobilizados no sentido de promover o desenvolvimento das competências que os capacitem a se aprimorar e acumular valores, formando a base para a transformação de um convívio social mais harmônico e justo.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa da Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Processos de Ensinagem na Universidade**. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. São Paulo: Confidência, 2006.

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALLAI, Helena Copeti. O ensino da Geografia e a nova realidade. **Boletim Gaucho de Geografia**, n. 24, 1998, p. 67-72.

CASTELLAR, Sônia; MAESTRO, Valter. **Geografia 5ª. Série**. São Paulo: Quinteto Editorial, 2002.

CAVALCANTI, Lana Souza. Ciência geográfica e ensino de geografia. In: **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 15-28

_____. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

DEVICARI, Luís Fernando; SABEDRA, J. P.; WERLANG, Mauro K. **Emprego de maquete para representação e ensino do relevo e conformação da paisagem no Ensino Fundamental 1**. Santa Maria: UFSM, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflitos. In: _____. (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis. Vozes, 1998. p. 25-54.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GRILLO, Marlene. **Transposição didática: uma prática reflexiva**. Porto Alegre: PUCRS, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: MF Livros, 2008.

LIMA, Cláudia Valéria. **Abordagens de conteúdos geológicos na Educação Básica**. Goiânia, UFG, 2015.

MARQUES, J. S. Ciência geomorfológica. In: GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. (Orgs.). **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1994. p. 23-50.

MORAIS, Eliana Marta Barbosa. **O Ensino das Temáticas Físico-Naturais na Geografia Escolar**. Tese (Doutor em Geografia Humana). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

NISKIER, Arnaldo. **Educação Brasileira: 500 anos de História**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2001.

ROQUE, Valéria de Oliveira Ascenção. **Os conhecimentos docentes e a abordagem do relevo e suas dinâmicas nos anos finais do Ensino Fundamental**. Tese (Doutorado em Geografia). Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SAVOIA, Mariângela Gentil. **Psicologia social**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989

SIMIELLI, Maria Helena Ramos. A Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. CARLOS, Ana Fani Alexandre (Org). **A cartografia em Sala de Aula**. 9. ed. São Paulo: [s.e.], 2013.

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O ensino do relevo na geografia escolar.

SOUZA, Carla Juscélia de Oliveira. Ensino de geomorfologia contextualizado na transposição didática. **Revista GEOUERJ**. Número especial, p. 156-165, 2003.

Recebido em 22/07/2017

Aprovado em 24/08/2017